



Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas
no marco dos 60 anos da UnB

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos
(Organizadoras)

EDITORA
UnB 60 

Equipe editorial

Coordenação de produção editorial : Marília Carolina de Moraes Florindo

Revisão : Denise Pimenta de Oliveira
: Emily Dias de Matos

Projeto gráfico : Cláudia Dias

Foto de capa : Inês Ulhôa / Editora UnB

Ilustrações : Petchó Silveira

Fotos de ilustrações : Carlos Borges

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta
publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por
qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Camila Moreira Mendes Barcelos – CRB 1/2193

V111 Vá no seu tempo e vá até o final : mulheres negras
cotistas no marco dos 60 anos da UnB / Dione
Oliveira Moura, Deborah Silva Santos
(organizadoras). – Brasília : Editora
Universidade de Brasília, 2022.
168 p. ; 27 cm.

ISBN 978-65-5846-127-2 (impresso).
ISBN 978-65-5846-121-0 (e-book).

1. Mulheres negras. 2. Universidades e
faculdades - Ingresso. 3. Programas de ação
afirmativa na educação. 4. Universidade de
Brasília - História. I. Moura, Dione Oliveira
(org.). II. Santos, Deborah Silva (org.).

CDU 378.014 (09)



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Apresentação

“Quando as mulheres negras se movem...” 9

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Parte 1

Nossos passos vêm de longe

Jornalista, professora, pesquisadora negra americana e relatora do projeto da política de ações afirmativas da UnB: a vivência de uma epistemologia afrocentrada 17

Dione Oliveira Moura

Ações afirmativas para estudantes cotistas na UnB 23

Deborah Silva Santos

Vinte anos do EnegreSer:

aprender e fazer História com o movimento negro 29

Aida Feitosa

Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB

O papel histórico da primeira turma de cotas raciais na UnB 37

Aline Pereira da Costa

Alegria da experiência como cotista negra 43

Andressa Marques da Silva

E agora sou eu que vivo esta história! 47

Anna Caroline Costa Silva

Uma revoada em curso 49

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Cotas para negros despertam a consciência para os problemas sociais relacionados a raça e cor 53

Dalila Noletto Torres

“Isso é por eu ser uma mulher preta?” 59

Deborah Carolina Silva Duarte

É desta terra fértil que nasce e floresce muito do que sou e do que faço 63

Elen Cristina Ramos dos Santos

Na UnB, aprendemos a nos posicionar politicamente para as lutas sociais 69

Flora Egécia

Nossas vidas importam 73

Hallana Moreira Ramalho Costa

O sistema de cotas para negros é, sim, um direito 79

Iara de Jesus dos Santos

A primeira da família a ingressar no ensino superior 85

Juciele Fonseca

Explorar tudo o que a UnB pode oferecer 87

Julian Esttefane da Silva Reis

O papel das professoras negras e antirracistas para a inclusão das cotistas negras 91

Kátia Silene Souza de Brito

Transcender como negra a cada dia 97

Keila Meireles dos Santos

A importância do sistema de cotas para negros na minha trajetória 101

Letícia Bispo

Ocupar um espaço que pertence ao povo negro 107

Maria Antônia Perdigão

Sou uma mulher negra, fui criada por mulheres negras e me inspiro nessas mulheres 115

Mariana Paiva Soares

O empoderamento a partir do ingresso na Universidade como cotista racial 119

Michele Duarte da Silva

Nós, negros e negras, somos capazes e merecemos estar na UnB 127

Vitória Carolina Silva Duarte

O empoderamento para contribuir com a comunidade quilombola e a região 131

Maria Lúcia Martins Gudinho

Parte 3

Celebrar as vitórias e avançar

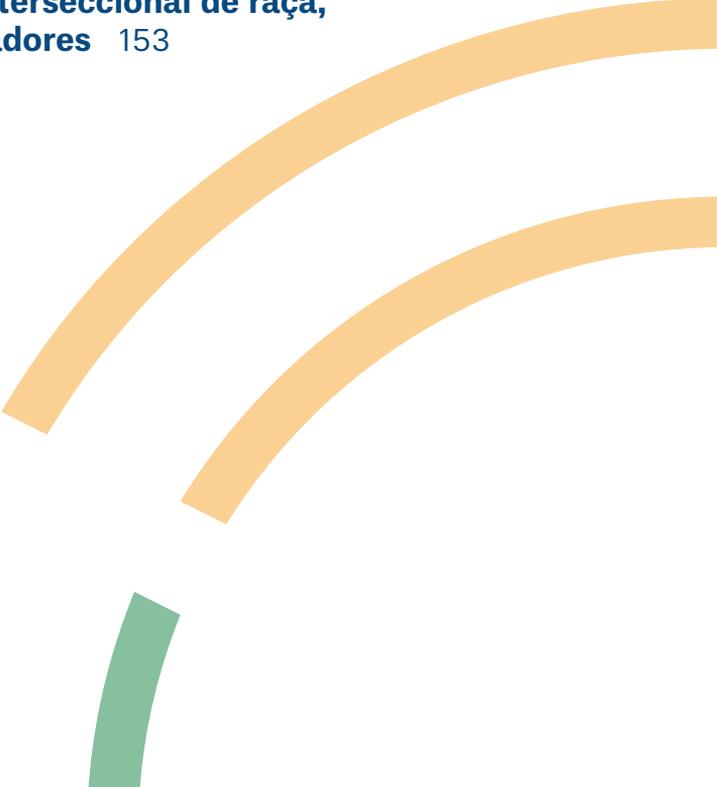
À guisa de conclusão: 60 anos da UnB, 19 anos da política de ações afirmativas na UnB 143

Dione Oliveira Moura
Deborah Silva Santos

Posfácio – Uma abordagem interseccional de raça, gênero, classe e outros marcadores 153

Renísia Cristina Garcia Filice

Sobre as autoras 161







Parte 2

Nós, mulheres negras americanas, na construção da história da UnB



O sistema de cotas para negros é, sim, um direito

Iara de Jesus dos Santos

Maria Baiana: sobre grandes mulheres

A história da minha família é protagonizada por grandes mulheres, e é impossível falar sobre isso sem citar a maior delas, minha avó materna, Maria de Jesus. Maria veio do interior da Bahia para conseguir uma vida melhor em Brasília, lugar em que morou até seu último dia de vida. Mais conhecida como Maria Baiana, minha avó trabalhou boa parte da vida como auxiliar de serviços gerais, único emprego que não exigia escolaridade, visto que ela não sabia escrever nem o próprio nome. Minha avó sempre acreditou na educação e quis proporcionar para as filhas aquilo a que não teve acesso. Mesmo com todas as dificuldades, casamento e filhos na adolescência, minha mãe conseguiu terminar o ensino médio. O sonho de minha mãe era ser professora. Infelizmente não conseguiu se realizar academicamente, mas sempre foi uma ótima educadora em casa, tanto que foi ela quem ensinou meu pai a ler e escrever quando eram casados, união que durou 17 anos. Mesmo divorciados, meus pais seguem a mesma linha, a de proporcionar educação aos filhos. Assim, com todo incentivo, fui a terceira neta a entrar na Universidade, a segunda em uma universidade pública e a primeira a graduar-se em uma universidade federal: a UnB.

Alegrias na educação infantil

Minha escolarização, do ensino básico ao ensino médio, foi toda na rede pública de ensino, mais precisamente em cinco escolas públicas de Planaltina-DF, e tive a sorte de estudar em escolas com ótimo desempenho escolar, mesmo sendo localizadas em bairros periféricos do Distrito Federal. Em meus primeiros anos escolares frequentei uma escola bem distante do bairro em que morava na infância; então, a partir dos três anos de idade, tive que ir para a escola de ônibus, pois minha família não tinha condições de pagar transporte escolar. Eu amava ir para a escola e até hoje me recordo das minhas professoras da educação infantil, que eram muito atenciosas e preocupadas com a alfabetização de excelência

de todos os alunos. Assim, com quatro anos já sabia ler e escrever. Dentro do ônibus, na volta da escola, lia todas as placas e anúncios. Lá vivi os melhores anos da minha infância.

Terminando a educação infantil mudei de escola pela primeira vez para fazer o ensino fundamental 2. Só não imaginava que mudaria mais três vezes até concluir a quarta série. Em todos os meus anos até a quinta série, era rodeada de amigos, fazia amizade com a maior facilidade do mundo, até mudar de bairro e de escola mais uma vez. Fui para uma escola que tinha do ensino fundamental 2 ao ensino médio, onde fiquei até me formar.

Anos de solidão e convívio com o racismo escolar

Chegar na nova escola não foi nada fácil, minhas primeiras semanas foram uma tortura e a Iara de Jesus que fazia amizade com facilidade se viu sozinha por semanas, meses e até anos. Comecei a me isolar por me deparar com diversas situações que na época interpretava como *bullying*, mas que hoje sei que era o racismo mais escancarado com o qual iria lidar. Ouvia todo tipo de xingamento, sobre como minha cor era horrível, meu cabelo “ruim” e até mesmo já apanhei de um menino por ser “feia demais”. Não tive o apoio de ninguém da escola e uma professora chegou a me pedir para parar de levar tudo tão a sério, que era só brincadeira de criança. Somente minha professora de espanhol, anos mais tarde, passou a me acolher e me mostrar que lá era meu lugar.

Enfim, ensino médio e, dessa vez, com amigas que tenho até hoje. Lá finalmente parei de passar por momentos tão conturbados, mas minha maior motivação ainda continuou sendo não precisar passar mais nenhum ano na escola, e assim segui sem nunca ser reprovada, de forma regular. Não me preparei durante o ensino médio para a universidade, apesar de ser um grande sonho ingressar nela. Somente quando acabei o terceiro ano tive o incentivo de uma amiga para estudar e tentar entrar na UnB.

Finalmente, eu, Iara, na UnB

Por fim, lá estava eu na UnB, aquele lugar com que sempre sonhei, mesmo sem saber direito disso durante o ensino médio. Vir de família humilde, formada por pessoas que nunca estiveram nesse espaço antes, fazia com que a Universidade fosse um ideal distante, pois eu não sabia como chegar até lá, só sabia que queria. Antes de decidir definitivamente seguir para o Jornalismo, escolhi áreas como Pedagogia e Psicologia, mas em 2011 me viciiei em assistir a futebol e comecei a admirar especificamente o Jornalismo esportivo. A partir disso, fui entender como era o curso de Jornalismo, então em 2013 estava 100% decidida de que era essa a carreira que ia seguir. Eu não fazia ideia de como funcionava o sistema de cotas raciais da UnB, mas em 2015 uma amiga da Engenharia me falou do vestibular do meio do ano e me ensinou como solicitar as cotas raciais no processo seletivo. Meus pais e meus irmãos me apoiaram a todo momento, em especial minha mãe, pois sempre deixava claro que era meu direito usufruir das cotas e que eu tinha que fazê-lo sem peso na

consciência. Ver pessoas nas redes sociais criticando o sistema de cotas me fez a princípio achar que eu não merecia e que era errado usufruir dele, mas depois de muito conversar com minha família e amigos virei a chave e internalizei que ingressar na Universidade por esse sistema era um direito meu.

Minha entrada na UnB foi comemorada por toda a minha família como se fosse uma final de copa do mundo. Meus primeiros dias na UnB foram bem legais, a recepção dos veteranos e professores da Faculdade de Comunicação (FAC) foi bem calorosa, porém, não consegui deixar de reparar em como, apesar de acolhedora, a FAC é uma unidade bem elitista em termos de condição financeira dos estudantes. Nunca havia conhecido tanta gente de condição financeira tão elevada, foi um choque de realidade perceber que o que minha mãe ganhava de salário mensal algumas pessoas ganhavam como mesada. Felizmente, encontrei pessoas com quem tive a oportunidade de compartilhar minhas lutas diárias como estudante minorizada. Sem sombra de dúvidas entrar na UnB me proporcionou uma das melhores e mais enriquecedoras experiências da vida, que foi entrar na Empresa Júnior Pupila Audiovisual. Lá pude voltar a ser aquela Iara do passado, que faz amizade com facilidade, é conversadeira e feliz, e comecei a desenvolver projetos na área do meu curso.

Ingressar na UnB por meio do sistema de cotas raciais foi uma oportunidade de ocupar um espaço em que jamais imaginei estar e que é meu por direito. Estar na UnB é a realização de um sonho, não só meu, como de toda a minha família, em especial de minha avó Maria de Jesus, que vibrou tanto com minha entrada, mas que infelizmente não está mais aqui para vibrar com minha formatura.

Meu trabalho de final de curso

Depois de longos seis anos, finalmente cheguei ao momento mais aguardado da minha graduação. Só não esperava que esse também seria um dos processos mais dolorosos pelo qual passaria. Voltando um pouco na história, sempre acreditei que me formaria após quatro anos de curso, mas não contava com todos os acontecimentos que me acompanhariam nessa trajetória. Tentei por duas vezes escrever meu projeto final e por duas vezes tranquei a matéria. Enfrentei também um momento de grande fragilidade no âmbito familiar e simplesmente não tive forças para seguir adiante com esse projeto.

Com o apoio profissional de um psicólogo e com todo o incentivo e a ajuda de uma orientadora sensível e carinhosa, consegui, no segundo semestre de 2021, escrever e apresentar meu TCC. Nesse trabalho, sentia que precisava de alguma forma escrever sobre algo que me representasse como mulher, preta e periférica, porém, sem cair no clichê. Nisso, surge minha orientadora Dione Moura com a sugestão de trabalhar Lélia Gonzalez (Gonzalez, 1982; Gonzalez; Hasenbalg, 1982) e o conceito de vigilância comemorativa (Nora, 1993), a partir do qual Moura e Ramos (2020) estudam a obra de Gonzales e de outras feministas negras. A orientação que recebi consistiu não somente em uma ideia para o tema do TCC, mas também num resgate de esperança em minha vida.

O trabalho (Santos, 2021) teve como objetivo registrar as memórias da Marcha das Mulheres Negras que aconteceu no ano de 2015 em Brasília, além de evidenciar a esperança no futuro pelo olhar de mulheres pretas. Por meio de relatos, produzi o *webdocumentário Ir à luta e garantir nossos espaços*, que traz à tona como se deu a organização e quais foram as consequências após manifestação. O projeto também tenta construir uma imagem dessas mulheres, personagens que, mesmo com suas lutas e dores, são esperançosas quanto ao futuro e protagonistas de suas histórias.

Assim, o documentário é uma coletânea de histórias, disponibilizada em formato audiovisual, que tem como objetivo resgatar as memórias da Marcha das Mulheres Negras e, paralelamente, narrar a trajetória de mulheres negras de várias áreas e com diversas vivências na sociedade brasileira, trazendo perspectivas de um futuro melhor na vida de mulheres pretas.

Para falar de esperança, infelizmente é preciso contextualizar algumas questões que impactam a vida dos indivíduos negros, a começar pela escravização das pessoas negras e indígenas. Passados mais de 130 anos da abolição, ainda estamos reféns das sequelas deixadas. A pobreza, violência e discriminação que afetam os negros no Brasil são um reflexo direto desses 300 anos de escravização. Dados de 2019 do IBGE mostram que quanto mais pobre é a faixa da população maior é a porcentagem de pessoas negras. Dos 13,5 milhões de brasileiros vivendo em extrema pobreza, 75% são pretos ou pardos.

Todos os estereótipos que envolvem pobreza, criminalidade e falta de instrução estão ligados à população negra. A mulher negra brasileira sofre as implicações de racismo e de gênero que a condenam a uma situação cruel de exclusão e marginalização social, que a jogam para a base da pirâmide social, já que gênero e raça são determinantes nessa escala.

A trajetória das mulheres negras é permeada pela solidão; muitas vezes elas se sentem solitárias por não se verem representadas na mídia e por serem sexualizadas o tempo todo. Com isso, sua autoestima é afetada, pois durante toda a vida essas mulheres são ensinadas a odiar seus traços e a se esconder em roupas que não marquem o corpo para evitar situações indesejadas. Desde muito novas, é ensinado às meninas pretas que elas precisam aguentar tudo, por isso por muitas vezes acabam aceitando menos do que merecem, sem nunca demonstrarem que estão tristes ou chateadas, afinal, a mulher preta é forte e não pode deixar suas vulnerabilidades à mostra. Tudo isso as leva a acreditar que não são dignas de serem amadas e terem histórias felizes.

Com base no conceito de vigilância comemorativa (Nora, 1993), pode-se considerar que a esperança futura como tema central se conecta com a Marcha das Mulheres Negras de 2015, que foi de suma importância para a construção de debates nos últimos seis anos e precisa ser lembrada e celebrada por meio de ações comemorativas. Assim, meu documentário *Ir à luta e garantir nossos espaços* foi desenhado a partir das ligações entre as vivências das personagens e as memórias da Marcha das Mulheres Negras. A ideia é que quem quer que esteja assistindo ao produto possa compreender os diversos aspectos envolvidos na construção da subjetividade dos personagens por meio da trajetória pessoal destes. Além disso, trata-se de uma forma de utilizar as plataformas digitais no combate ao esquecimento coletivo, como propõem Moura, Figueiredo e Nunes (2014).

O *webdocumentário* foi dividido em três episódios: o primeiro é focado na história de como surgiu a ideia da Marcha, de sua mobilização e de sua importância pós-evento; nele tivemos a honra de ouvir a idealizadora da Marcha das Mulheres Negras, Nilma Bentes. No segundo episódio, que tem como tema “universidade e carreira”, algumas mulheres falam sobre suas conquistas e os desafios de ocupar espaços. O terceiro episódio leva o nome “Maternar o futuro”; nele queremos transmitir ao telespectador a esperança de um futuro de amor, paz e igualdade que habita no íntimo de cada mulher preta, mostrando que somos mais que nossas dores, que somos tudo aquilo que queremos ser.

O resultado final do meu projeto de TCC (Santos, 2021), até o dia da defesa, me mostrou que tudo pelo que passei não me define. Eu não só quero como posso ser muito feliz e conquistar o que quiser. O futuro é de esperança, e pela primeira vez em anos me senti feliz. Estou certa de que ser jornalista é o que eu realmente quero, por mim e pelas que estão por vir. Serei mais uma preta a ter ensino superior; aos poucos, vamos mudando as estatísticas.

Referências

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

MOURA, Dione O.; FIGUEIREDO, Verônica de S.; NUNES, J. C. Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. In: MOURA, Dione Oliveira; GERALDES, Elen Cristina; PEREIRA, Fábio Henrique; OLIVEIRA, Madalena; ADGHIRNI, Zélia Leal (org.). *Jornalismo e literatura: aventuras da memória*. 2. ed. Brasília: Centro de Estudos Com. e Sociedade da Universidade do Minho; UnB, 2014. v. 1, p. 187-204.

MOURA, Dione O.; SANTOS, Elen Cristina Ramos dos. O encontro da Vigilância Comemorativa com a epistemologia negra e o feminismo negro: um dos lugares-memória de Lélia Gonzalez. In: MOREIRA, Marcos; SANTOS, Ivair Augusto dos (org.). *As estruturas dissimuladas do racismo: história, memórias e resistências*. 1. ed. Porto Alegre: Nova Praxis Editorial, 2020. v. 1, p. 167-189.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

SANTOS, Iara de Jesus dos. *Ir à luta e garantir nossos direitos*. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, Brasília, 2021.



Sobre as autoras

Dione Oliveira Moura (organizadora)

Professora titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB). É graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (1986), mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (1990) e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (2001). Na Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), atuou como sócia fundadora, diretora editorial (2004-2005 e 2006-2007), coautora do projeto editorial da *Brazilian Journalism Research* (BJR) (2004) e presidenta (2011-2013). Foi diretora da Socicom e atualmente é diretora regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (Abej). Na UnB, é docente do quadro desde setembro de 1995 e atuou em funções administrativas e acadêmicas, na vice-chefia e chefia do Departamento de Jornalismo, na Coordenação de Graduação, na Coordenação de Pós-Graduação e na Diretoria de Apoio à Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação. Atualmente, é diretora da FAC (Gestão 2019-2023). Também na UnB atuou e atua em conselhos e câmaras, como o Conselho Universitário (Consuni), o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), dentre outros. No que diz respeito ao tema central deste livro, foi eleita pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (Cepe) da UnB como relatora do processo de implantação da política de cotas e ingresso de indígenas na UnB, quando da aprovação do Plano de Metas para a Integração Social Étnica e Racial da UnB pelo Cepe em 6 de junho de 2003; e, além disso, desenvolve pesquisas e orienta projetos de pesquisa relacionados a jornalistas negras e igualdade racial.

Deborah Silva Santos (organizadora)

Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia (ULHT) – Lisboa/Portugal. Mestra em História Social pela PUC/SP. Especialista em Museologia Avançada pelo Instituto de Museologia da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Historiadora pela PUC/SP. Atualmente é professora na Universidade de Brasília (UnB), atuando no curso de Bacharelado em Museologia. Ex-aluna do Workshop de Dissertação Mark Claster Mamolen (2018) do Afro-Latin American Research Institute/Harvard University. Pesquisadora do grupo de pesquisa Museologia, Memória e Patrimônio do PPGCInF da FCI/UnB. Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa

em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e Gênero (GEPPHERG). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB/CEAM/UnB). Áreas de pesquisa: museu e Museologia, estudos das relações raciais, mulheres negras, memória e patrimônio afro-brasileiro e museus afro-brasileiros.

Aida Feitosa

Atua profissionalmente como jornalista, analista ambiental, professora e pesquisadora. Como ativista do movimento negro brasileiro, participou da criação do EnegreSer (Coletivo de Estudantes Negros da UnB), fundado em 2001; integra a Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira); e integra o Coletivo Beatriz Nascimento (que reúne estudantes negros e indígenas da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ). Graduada e mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Aline Pereira da Costa

Graduada em 2008 pela UnB. Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet/RJ em 2019. Também se especializou em Adolescência e Juventude pela Universidade Católica de Brasília em 2012. Foi bolsista (2005-2008) e vice-coordenadora do Programa Afroafirmative UnB entre os anos de 2009 e 2010, quando ingressou na carreira pública de assistência social do Governo do Distrito Federal. Chefiou o Núcleo de Afroempreendedorismo da Secretaria de Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (2015) do GDF e compôs o Comitê de Equidade de Gênero e Raça do Senado Federal (2020). Atualmente, trabalha como educadora social na Secretaria de Desenvolvimento Social do GDF e integra o Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais da Universidade Estadual do Piauí.

Andressa Marques da Silva

Graduada em Letras pela UnB, mestra e doutora em Literatura pela UnB. Atua na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal na elaboração de documentos norteadores e acompanhando as políticas públicas da instituição voltadas para os/as estudantes negros/negras e também em um projeto de formação de leitores a partir da experiência literária, especialmente com autoras negras.

Anna Caroline Costa Silva

Bacharela em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC-UnB); moradora de Brazlândia-DF e bolsista de extensão do Projeto Comunicação Comunitária (ComCom) da FAC-UnB.

Camila Cecilina do Nascimento Martins

Mestranda em Direito na UnB. Leonina, piauiense, afro-indígena, advogada popular. Associada do Coletivo Antônia Flor – Assessoria Técnica em Direitos Humanos do Piauí. Especialista em Direitos Humanos e Cidadania pela Faculdade Adelman (FAR).

Dalila Noleto Torres

Doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA) do Departamento de Estudos Latino-Americanos (ELA) do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora visitante (em estágio-sanduiche) na Universidad Centroamericana en Managua, Nicarágua. Mestre em Estudos Latino-Americanos pelo Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS) da University of Texas at Austin (UT Austin). Graduada em Ciência Política pela Universidade de Brasília. É membro do Grupo de Estudos sobre México, América Central e Caribe (MeCACB/ELA) e do Grupo de Estudos Interdisciplinares sobre Gênero (GREIG/ELA).

Deborah Carolina Silva Duarte

Graduada em Biotecnologia na UnB. Membro da Genesys Biotecnologia (Empresa Júnior) de 2017 a 2020, onde foi assessora dos setores administrativo e financeiro de agosto de 2017 a dezembro de 2018; diretora dos setores administrativo e financeiro de janeiro de 2019 a junho de 2019; diretora de operações de julho de 2019 a dezembro de 2019; e vice-presidente de janeiro de 2020 a dezembro de 2020. Estagiou no Laboratório de Fisiologia Vegetal da UnB do segundo semestre de 2019 ao primeiro semestre de 2020 e no Laboratório de Biologia Forense da Polícia Civil do DF de junho de 2021 a agosto de 2021.

Elen Cristina Ramos dos Santos

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS/UFRGS). Licenciada em Ciências Sociais e Bacharela em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB).

Flora Egécia

Designer e cineasta, graduada em Desenho Industrial pela UnB e mestranda em Design no PPGDesign IdA/UnB. Em sua trajetória realiza diversos projetos sobre raça, gênero, saúde mental e política. É sócia do Estúdio Cajuína e recebeu, em 2017, o Prêmio do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal no eixo Culturas Afro-brasileiras. Diretora do documentário *Das Raízes às Pontas* (2015), dentre outras produções.

Hallana Moreira Ramalho da Costa

Bacharela em Jornalismo pela Universidade de Brasília (2020). Jornalista profissional, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.

Iara de Jesus dos Santos

Jornalista, graduada em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Ingressou na UnB em 2015; defendeu, em 2021, o TCC *Ir à luta e garantir nossos espaços: Marcha das Mulheres Negras, memórias e novas vivências*. Participou da empresa júnior Pupila Audiovisual como membro de produção, direção de arte e como diretora de capacitação entre 2016 e 2018. Atualmente é produtora no “Canal Empreender”, na TV fechada, parceria entre o grupo Bandeirantes e o Sebrae.

Juciele Fonseca

Técnica de som direto de Brasília, graduada em Audiovisual pela Universidade de Brasília. Dentre os trabalhos realizados profissionalmente como técnica de som, destacam-se os documentários em longa-metragem *Mundo Pequeno* (Gustavo Amora, 2018), *Sementes – Mulheres pretas no poder* (Júlia Mariano) e *Confluências* (Dacia Ibiapina), além dos curtas-metragens *Mens who Talk* (Cristin Noelle, 2020), *Filhas de Lavadeira* (Edileuza Penha, 2018), dentre outros.

Julian Esttefane da Silva Reis

Graduada em Pedagogia pela UnB. Estuda Sociologia da Educação com foco no acesso e permanência no ensino superior. Professora temporária da Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Kátia Silene Souza de Brito

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPG-CINF) da UnB e graduada em Museologia pela Faculdade de Ciências da Informação da mesma Universidade (FCI/UnB). Foi bolsista de iniciação científica (Pibic), com pesquisas nos temas Museologia, memória e patrimônio, Museologia virtual e cibermuseologia: estudos conceituais, mapeamentos e análise de manifestações virtuais museais e patrimoniais. Atualmente integra o grupo de pesquisa MUSEOLOGIA LAB: Laboratório de Pesquisa em Cultura digital e Museologia Virtual.

Keila Meireles dos Santos

Mestra em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal Fluminense (PPGS/UFF), especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pela Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás (UFG), graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília. Tem interesse em estudos sociológicos, Ciência da Informação com foco em produção e disseminação de culturas voltadas para jovens, atuando especificamente nos seguintes temas: juventude, gênero, raça/etnia, ação afirmativa e movimento *hip hop*. De 2017 a 2019 trabalhou como servidora analista de gestão governamental da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Servidora bibliotecária-documentalista da Universidade Federal de Uberlândia (UFO).

Letícia Bispo

Bacharela em Comunicação Social/Audiovisual pela Universidade de Brasília, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Trabalha como curadora, pesquisadora e crítica nas áreas de cinema e audiovisual. É técnica-administrativa em educação, na área de audiovisual, na Faculdade de Comunicação (FAC) da Universidade de Brasília.

Maria Antônia Perdigão

Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação (PPG/FAC) da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora no eixo temático racial, atua há mais de uma década no mercado como jornalista, assessora de imprensa e *social media*. Tem vasta experiência em áreas como política, Poder Legislativo e projetos de iniciativas socioambientais. Ao longo de sua trajetória, trabalhou na Câmara dos Deputados e na Executiva Nacional de partidos políticos. Atualmente é gestora das atividades de Comunicação Social de organizações não governamentais e entidades filantrópicas.

Maria Lúcia Martins Gudinho

Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação na área de Línguas (Língua Portuguesa, Espanhol, Artes, Teatro e Literatura), na Universidade de Brasília. Membro da Coordenação Pedagógica do Projeto Residência Jovem. Monitora do Núcleo Territorial Kalunga. Fez graduação-sanduíche na Universidade Anton de Kom (Suriname). Especialista em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico – Faculdade UnB Planaltina-DF. Atualmente é assessora de comunicação da Prefeitura de Cavalcante-GO.

Mariana Paiva Soares

Formanda em Comunicação Organizacional pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Trabalha como *social media* do projeto Jovem de Expressão e tem experiência com assessoria de comunicação e imprensa, produção audiovisual, assistência de produção, elaboração de projetos, roteiro e fotografia. Foi roteirista do documentário *Poeira que ainda respiramos*, que fala das memórias da ditadura militar na UnB. Como fotógrafa, participou da exposição *Lembretes do Existir*, na galeria Risofloras.

Michele Duarte da Silva

Licenciada em Ciências Naturais pela UnB, ingressou no ano de 2015 na Universidade. Hoje, atua no sistema socioeducativo da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Renísia Cristina Garcia Filice

Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Membro da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero, da Faculdade de Educação da UnB (Geppherg-FE/UnB). Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab-CeamUnB) e da Comissão de Acompanhamento de Políticas de Ações Afirmativas na Pós-Graduação da Universidade de Brasília (Capaa/UnB).

Vitória Carolina Silva Duarte

Mestra e doutoranda em Engenharia Mecânica na Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Engenharia Mecânica pela Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em Engenharia em Segurança no Trabalho pelas Faculdades Cruzeiro do Sul.

Vá no seu tempo e vá até o final:

mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB

Esta obra vem coroar os 60 anos da Universidade de Brasília, uma Universidade à frente de seu tempo, que tem pontos a serem superados, mas que não estagna.

A cada ano a UnB avança e desponta no cenário nacional como uma das maiores referências do Brasil e da América Latina. Ano a ano, pouco a pouco, a sociedade diversa se faz presente no interior da UnB, e esta se espalha Brasil a fora formando pessoas tecnicamente competentes, humanamente sensíveis e socialmente comprometidas com um outro mundo possível, antirracista, antissexista e tecnicamente qualificado.

Existem ainda grandes desafios a serem superados, inclusive no monitoramento da política, em particular na permanência, mas já colhemos resultados que revelam quão potentes são as políticas afirmativas para mudar o mundo – sim, sonhamos alto.

Nesta obra, os relatos e pesquisas das mulheres negras não deixam dúvidas do quanto podemos sonhar e realizar. Ademais, timidamente, as novas epistemologias estão em curso, os novos currículos, as novas formas de ser e estar no mundo se articulam de forma inter, multi e transdisciplinar.

Renísia Filice